ENTREVISTA

AS CLASSES SUBALTERNAS TAMBÉM PARTICIPAM DO PROCESSO HISTÓRICO: A HISTÓRIA DO MUNDO DO TRABALHO NA ARGENTINA - ENTREVISTA COM MIRTA ZAIDA LOBATO[1]

Ellen Annuseck[2]
Museu Wolfgang Weege

Fernanda Ben[3]
Universidade do Estado de Santa Catarina.

Mirta Zaida Lobato é professora de história na Faculdade de Filosofía e Letras da Universidade de Buenos Aires. Dirige o *Archivo Palabras e Imágenes de Mujeres* do Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género na mesma Universidade. Mirta publicou numerosos artigos em seu país e no estrangeiro. É autora de *El taylorismo en la gran industria exportadora* (CEAL, 1988), *La vida en las fábricas. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)* (Prometeo, 2001 e 2004), co-autora do *Atlas Histórico de la Argentina* (Sudamericana, 2000) e *La protesta social en la Argentina* (FCE, 2003), editora de *Cuando las mujeres reinaban. Belleza, virtud y poder en la Argentina del siglo XX* (Biblos, 2005) e *Política, médicos y enfermedades. Lecturas de historia de la salud (*Biblos, 1996), bem como diretora do vol. V da *Nueva Historia Argentina, El Progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)* (Sudamericana, 2000).

A entrevista foi concedida às autoras na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, em 31 de agosto de 2004, na ocasião de sua conferência inaugural do *X Encontro Estadual de Histórica: Histórica, Cultura e Poder.*

Fernanda Ben: Professora Mirta fale um pouco sobre a sua formação acadêmica.

Mirta Lobato: Comecei a estudar história nos anos 70, entre 1971 e 1975 na Universidade de Buenos Aires sem chegar a terminar o curso, porque em 1975 a Universidade sofreu uma intervenção do governo nacional e ficou um ano fecha-

[1] Tradução: Daniely Wendland. Revisão da tradução e notas: Henrique Espada Lima.
[2] E-mail: ellenhistoria@ig.com.br
[3] E-mail: ferdbd@hotmail.com

da. Então, em 1976, a Universidade reabriu e eu retomei meus estudos. Entretanto, quando começaram a desaparecer alguns amigos, abandonei a universidade. Voltei para fazer as últimas matérias apenas em 1982, quando a ditadura estava terminando. Foi quando terminei a graduação e, mais tarde, comecei os estudos de pós-graduação.
Minha carreira foi bastante anormal. Nos anos 70 a Universidade de Buenos Aires era politizada de um modo diferente de como é hoje. Em minha época de estudante, as agrupações políticas não estavam interessadas na produção acadêmica. Como na época da ditadura não podíamos estudar os temas que nos interessavam na Universidade, nós formamos grupos de estudos fora da Universidade. Ali começamos a estudar a historiografia marxista britânica e começamos a conhecer Eric Hobsbawm, E. P. Thompson, Raphael Samuel. Líamos trabalhos sobre história oral, entre outros. Esse foi um momento ativo, digamos, de formação, porque assim foi se armando, de alguma maneira, uma estrutura temática aplicada a temas como o trabalho.

Ellen Annuseck: Foi um trabalho paralelo à Universidade?

M.L.: Exatamente. Não tivemos uma formação universitária porque na Universidade... (não podíamos estudar, era uma questão perigosa. Eu só me lembro que na universidade muitos amigos desapareceram).
Entretanto, há diferenças. No período da ditadura no Brasil as Universidades mantiveram-se não apenas abertas, mas também intelectualmente ativas – o que as diferencia das universidades argentinas. Na Argentina, em 1985, quando o novo governo eleito popularmente nas urnas estava funcionando democraticamente eu ingressei na Universidade como professora. Nessa época obtive uma bolsa de atualização do CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Cientificas y Técnicas), ingressando desse modo na carreira acadêmica. Já era 1985 e havia passado muitos anos, então comecei investigando sobre trabalhadores. Como projeto de investigação, eu já tinha alguma idéia do que queria.

E.A.: Quais seriam suas áreas de interesse, sempre a história dos trabalhadores ou você passou por outras vertentes?

M.L.: Não, o que houve é que quando nós fizemos essa leitura extra-universitária líamos história operária. Alguns anos antes eu havia lido sobre a história militante do movimento operário também com o grupo de estudo na Universidade. No ano de 1982 fiz uma pesquisa para um filme que se chamava “O Assassinato no Senado da Nação”. Eu fiz uma investigação que foi a base do roteiro cinema-

tográfico. Em "O Assassinato no Senado da Nação"[4], o assassinado de um deputado estava relacionado estritamente com as negociatas locais das indústrias de carne. Foi quando eu me aproximei das coisas, tendo uma idéia geral de trabalhadores e um interesse específico sobre um grupo de trabalhadores. E foi quando comecei a pensar em um projeto para uma bolsa de estudos.

Bom, então apresentei um projeto sobre os trabalhadores da indústria de carne buscando uma explicação muito elementar: "porque não eram organizados?". Antes de começar a pesquisar busquei também uma investigação paralela, porque eu queria estudar casos, digamos, não queria fazer uma investigação geral. Eu tinha uma relação da bibliografia e de que tipos de material que poderia encontrar. Então optei por uma pesquisa sobre a localidade onde havia existido frigoríficos, com a intenção de ver o que havia: informações de fábrica, que tipo de documentos poderiam ter... Assim fiz uma investigação em Zárate e em Berisso – localidades da província de Buenos Aires. Depois tomei a decisão de estudar [apenas] Berisso. Em Berisso fui a um edifício abandonado onde eram as instalações do frigorífico. Quando me autorizaram a entrar para consultar esse material tive medo de ir ao setor em que estavam as fichas de pessoal que eu não sabia quem eram. Então eu fui para a parte mais perto da porta em que havia guardas e isso era perto do setor das mulheres. Ao examinar as fichas das mulheres, pensamos em juntar os indícios: interesse pelos trabalhadores, interesse pelas experiências das mulheres, porque eram os primeiros documentos que estavam ali, que encontramos.

Eu também estava preocupada com o interesse na história oral e então foi se juntando tudo: a metodologia, a categoria de análise que tinha e usava na investigação. Ao mesmo tempo em que eu fazia isso no frigorífico – porque minha tese de doutorado incluía uma empresa têxtil pequena que havia em Berisso – eu pensei no processo que passa uma indústria que havia presenciado um momento de desenvolvimento da empresa que utilizava matérias-primas procedentes do campo e outra que havia crescido no período entre guerras.

Então, digo: – Bom. Como trabalhar? Que tipo de trabalhadores havia? Que tipo de organização tinham no trabalho e mais, que tipo de manifestações e protestos havia e que terminavam com a organização sindical?

Eu comecei com a idéia de estudar antes do período do peronismo já que o peronismo nunca me interessou como tema. Quando encontrei a documentação de fábrica pensei: "não posso fazer isso, não poderia estudar até 1945 e depois não". Então adotei outro critério. O critério foi: até que uma das empresas quebrou e, o outro, até que a fabrica faliu e, por problemas econômicos, passou a ser administrada pelos trabalhadores.

E.A.: São recortes temporais grandes?

M.L.: São recortes temporais muitos grandes. Eu queria enfocar como se foi relacionando os acontecimentos nesse recorte temporal. Eu comecei em 1904 a investigação, paralelo aos frigoríficos e terminei em 1970 porque esse é o momento em que aconteceu a quebra fraudulenta da empresa.

E.A.: Você poderia fazer uma análise das vertentes da história do trabalho na Argentina. Quais seriam as novas tendências de investigação?

M.L.: Minha opinião é uma opinião um pouco pessimista. Em que sentido? Ao menos se discutiu muito sobre a necessidade de fazer um estudo que abarcasse os setores menos organizados dos trabalhadores, que atenderia ao local, ao bairro, a cultura da vizinhança. Para isso favoreceu a conformação de um grupo que se chamava *Grupo de trabalho sobre o movimento operário e os setores populares*, tratando de juntar as duas linhas de investigação – uma mais tradicional ao redor dos trabalhadores organizados e, outra era, se chamava questionadora, de rever a versão mais tradicional que eram os setores populares. Durante muito tempo existiu uma discussão sobre que categoria usar: classe operária ou setores populares. Eu estou falando do ano 1987, 1988, 1989... Alguns eram mais enfaticamente partidários dos setores populares. Eu afirmava: "setores populares" é [um conceito] interessante para a segunda metade do século XIX, mas o trabalho na Argentina, o processo de industrialização que foi afiançando a noção de classe operária é uma noção mais clara, pelo menos em determinados âmbitos urbanos.

Isso significou a formação desse grupo de trabalho. Organizamos seminários, simpósios, reuniões de diferentes tipos. Participamos também de um concurso organizado pela Agência Nacional de Investigação Científica em que ganhamos a oportunidade de sediar o encontro sobre *O Estado e a Questão Social*. Para isso preparamos um livro.

Esse foi um momento em que a pesquisa sobre o mundo do trabalho estava, pelo menos, problematizada. Ora, o que passou, paralelamente, foi que cresceu o interesse pela política, pela história política e nesse momento a história política estava mais atrativa e não a história social. Dentro da história social estava a história dos trabalhadores. Por isso eu necessitava também do que foi a grande mobilização do ano de 2001 em que aconteceram muitas manifestações, saques... a história que provavelmente muitos de vocês conhecem. A partir disso, alguns grupos de pesquisa começaram a prestar atenção no que estava acontecendo. Eu acredito que esta tenha sido a conjuntura que ajudou a pensar outra vez o mundo do

trabalho, do desemprego e as características do protesto. A vida universitária também tinha um cunho político. Então alguns grupos mais militantemente políticos estavam trabalhando um projeto para que a classe operária ocupasse um espaço acadêmico.
Entretanto esse grupo é um grupo muito militante, com um pensamento marxista ortodoxo, estava trabalhando sobre os processos de trabalho. Meu livro fala do processo de trabalho, ao menos se dedica a delinear de modo especial esse tema, porque nessa hora se estava retomando esse tema do processo de trabalho. Paralelamente a tudo isso, nós escolhemos um grupo que conseguiu subsídios universitários para pesquisar estritamente os trabalhadores, a cultura e a política. Então, ali reunimos todos os que eram bolsistas. Às vezes são mais, às vezes são menos os que tinham interesse sobre essas questões.

E.A.: [Na Argentina], parece que esta área de estudo, ao invés de se expandir, está se fechando. Aqui no Brasil, por outro lado, parece que esta área de estudos [de história do trabalho] está se expandindo. Qual a sua opinião sobre isso?

M.L.: O grupo da Unicamp (Universidade de Campinas), ligado à história social do trabalho, é importante, porque há um conjunto de professores que tem, digamos, peso suficiente, e às vezes conseguem recursos para os estudantes, enquanto na Argentina os estudantes trabalham e estudam, ou seja, enquanto trabalham e estudam há pouco tempo para a pesquisa. Uma tese demora, fica lá por muito tempo, é interminável. Então o "luxo" dos recursos, a possibilidade de receber recursos é importante para a investigação.

F.B.: Na década de 1980 houve um revigoramento dos estudos sobre classe operária muito marcada pelas obras do E. P. Thompson. Nesses estudos o tema autonomia parece ser central. Isso acabou produzindo a noção de resistência infindável e alguns trabalhos davam impressão que eram os de baixo que ditavam os rumos da sociedade. Na Argentina, houve algo semelhante?

M.L.: O que acontece é que justamente todos aqueles instantes de estudo da historiografia marxista britânica, Raphael Samuel, E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, todos eles nos deram uma perspectiva, digamos, daquilo que chamamos a *perspectiva dos de baixo*. Entretanto, não somos muitos os que temos essa concepção de trabalho.
Em minha opinião a perspectiva do trabalho é poder entender que também a classe subalterna participa de um processo histórico e que essa história é tão importante quanto a história dos grupos dominantes. Essa história das pessoas

comuns, iniciada por Thompson, requer um certo conhecimento e certa metodologia de análise que não se resolve tão facilmente. Parece-me que, muitas vezes, a tendência dos historiadores do trabalho é de simplificar e banalizar a história do trabalho.

Quando li Raphael Samuel sentia o impacto de uma proposta mais democrática, cativante, mais militante. Todas as minhas entrevistas com grupos de trabalhadores em Berisso eram marcadas por sua idéia. Eu tinha requisitos muito fortes. Escolhia as pessoas com mais de 65 anos, não havia militantes de nenhum partido. Não havia militantes sindicais porque eu não queria os dirigentes sindicais. E também apenas entrevistava os trabalhadores individualmente. Não queria que se juntassem, porque eu tinha isso de uma maneira muito irônica: "para evitar contágios."

E.A.: Você chegou a ler estudos sobre comunidade operária do Brasil?

M.L.: Eu li um livro de um antropólogo, José Sergio Leite Lopes.

E.A.: Você poderia fazer uma comparação dos estudos da Argentina e do Brasil?

M.L.: Bem, eu li pouco sobre o Brasil. O que eu li fala sobre esta noção de fábrica com vila operária descrita por José Sergio Leite Lopes[5]. Entretanto, havia um problema, essa noção de fábrica com vila operária se dava em áreas em que a fábrica tinha se instalado em âmbito rural em que havia a necessidade de transferir a população para disponibilizar a mão-de-obra. Nesse sentido, a fábrica que eu havia conhecido não correspondia a essas características, não era uma fábrica com vila operária.

Eu posso falar de uma comunidade operária, ver como essa comunidade se constituiu com uma identidade operária. Não era uma unidade de fábrica com vila operária porque essa unidade está, nesse caso, de algum modo estabelecida pela própria empresa. Na Argentina eu poderia pensar nesse tipo de organização somente em um foco: os trabalhadores das fábricas de cimento que criaram e constituíram uma unidade de fábrica e vila operária. Isso foi pesquisado por Federico Neiburg que é um antropólogo que está no Museu de Antropologia no Rio de Janeiro. É argentino, porém está trabalhando no Rio de Janeiro[6]. Esse foi o primeiro trabalho baseado no modelo de José Sergio Leite Lopes. O restante é mais uma lógica do capitalismo não paternalista, em que a oferta de mão-de-obra, a oferta de trabalhadores responde sensivelmente dos preceitos da demanda. Outra atividade que se pode colocar sob investigação são as companhias, – na falta de outro nome –, os "acampamentos de petroleiros na Patagônia".

E.A.: Eu li uma resenha crítica do livro *La vida en las Fábricas* onde os autores falam que o estudo de uma comunidade operária poderia dar conta do mundo do trabalho, seria mais uma questão de micro-história, como você vê isso?

M.L.: Quando iniciei *La vida en las Fábricas*, mais que na micro-história, eu pensei em história local. Obviamente eu já havia lido alguns textos, mas não era que eu respondia aos estímulos dos trabalhos de micro-história. Eu olhava a um González que havia escrito um livro sobre o México e um pouco me cercava com **o local e não com a micro-história[7].**

E.A.: Mas você pensa que estudando uma comunidade, não poderia dar conta de um tema maior?

M.L.: Bom, eu não sei dizer, me parece que a noção de micro-história implica uma descrição bastante densa. É verdade o estudo local pode ter essa característica, mas eu não trabalhei tomando essa noção de micro-história. Em minha opinião parece que uma localidade, não uma comunidade entendida como tal, pode dar conta de uma experiência de trabalho mais ampla. Então, quando eu focalizo Berisso sempre me aproximo como que de uma imagem, como se estivesse filmando um filme. Quando vou com a "câmera", focalizo a fábrica, volto a lente para a fábrica, então posso ver toda a questão das relações de trabalho que acontecem nos limites da fábrica. Ora, quando essa fábrica influencia de modo muito forte na vida da comunidade, eu altero a aproximação da lente, então aparecem diferentes aspectos da vida da comunidade. É a casa dos trabalhadores, a vida cotidiana, as associações de diferentes tipos, o poder político. Então para mim essa localidade tinha que ter certas características. No caso, Berisso, tinha essas características: a vida da localidade havia se articulado em função do trabalho. Porém, a própria comunidade criava uma imagem de si mesma envolvida ao redor do trabalho. Se vocês lerem meu livro, é um livro escrito de um modo um pouco diferente. Em que sentido? Começo com a comunidade, sigo com um capítulo muito descritivo e quantitativo e depois volto a retomar a experiência do trabalho, a formação de identidades. Parece-me que, se eu não descrevo a comunidade, não tenho como perceber o que há de significativo. Porque, vocês têm que entender, é como um caso, que podem dizer: este é um caso bastante peculiar, bastante diferente das outras coisas que se encontram. Por isso eu digo: Berisso é como um laboratório social para mim. Quando tive que decidir entre Zárate e Berisso preferi escolher Berisso. Quando cheguei em Berisso senti que esse lugar era especial e poderia ter algo distinto.

F.B.: Quem eram os trabalhadores da indústria frigorífica no caso que você estudou?

M.L.: Essa localidade era como um bairro da cidade de La Plata. Daí, primeiro se construiu o porto de La Plata, porém um porto pequeno. Em 1871 se instalaram os "*saladeiros*" (salgadores), onde se realizava o trabalho de salgar a carne [para o charque]. Em 1904, instalou-se o primeiro frigorífico de capital Anglo-Sul-Africano e, em 1907, outro. Por isso eu iniciei a pesquisa sobre o frigorífico *Swift* em 1907. Era um trabalho sazonal, mas não tanto, porque as empresas faziam acordos com os "*invernadores*"[8] que engordavam o gado para terem sempre que precisassem. A atividade era muito mais sazonal que a criação de ovinos e suínos.
Tratava-se, por isso, de uma atividade que precisava tanto de trabalhadores fixos quanto de trabalhadores temporários. Os recém chegados ao porto de Buenos Aires, imigrantes, tinham lugar porque eram trabalhadores não qualificados, tinham onde trabalhar. Ora, isso suscitava outra questão relacionada ao trabalho. O que seria o lugar de trabalho? Não só tem que analisar como se trabalha, com que tecnologia, com que tipo de organização, que tipo de relações se estabelecem entre os trabalhadores e os patrões, mas também qual a relação entre homens e mulheres e também como se foram relacionando os diferentes grupos étnico-nacionais. Onde estão, por exemplo, os trabalhadores nativos e os migrantes internos? Assim, a fábrica é também interessante para ver os problemas, os vínculos que pode haver entre os diferentes grupos. Eram, em geral, trabalhadores inexperientes. Em Berisso acho que havia 40 grupos étnicos. Você tem que pensar: italianos, espanhóis sérvios, montenegrinos, croatas, ucranianos, húngaros, russos, bielo-russos, polacos, turcos, sírio-libaneses e migrantes internos como correntinos, santiagueños, etc. É interessante. Uma vez uns estudantes de Santa Cruz, no Sul [da Argentina], estavam vendo um frigorífico Swift, que abatia somente ovelhas. Os que matavam os animais, na verdade, eram de Berisso, levados aí pela atividade sazonal. Até que em 1945 organizaram uma greve. Depois que organizaram a greve, [os empregadores] deixaram de contratar os trabalhadores de Berisso e passaram a contratar chilenos.

E.A.: Acho que nós poderíamos falar de história oral. Você coordenou um encontro?

M.L.: Bem, eu tenho muitas entrevistas. Mas o que eu fiz foi organizar "grupos de recordação" e, nessa época também, fui um pouco contra as normas da história oral. Uma das coisas que diziam os textos que li, sobretudo Paul Thompson, Luisa Passerini

e Alessandro Portelli, é que a entrevista deveria ser um momento em que não poderia haver perturbação. O importante é que se tem que gerar uma situação onde a pessoa possa falar com certa confiança. Eu tinha muitos medos, pensava que era preciso colher uma informação bastante padronizada, então decidi reunir grupos de pessoas que recordavam juntas. Eu encontrei uma justificativa para isso. Os grupos de recordação eram um elemento importante, porque como eram pessoas comuns, às vezes não gostavam de falar, às vezes sentiam que era raro alguém se interessar por suas vidas, porque, em geral suas vidas eram pouco interessantes. A recordação de um estimulava a recordação dos outros, então esse grupo de recordação para mim era importante, para justificar o porquê, no lugar de usar entrevistas individuais, havia feito com grupos de pessoas.

E.A.: Você utilizou esse recurso para ao estudo em Berisso?

M.L.: Exatamente. Porque quando inventei fazer história oral, tive que colocar um nome, *Oficina de história oral*, que traz a idéia de trabalho. Era um espaço de trabalho, pois se relaciona com a idéia de que *a memória é trabalho*, por isso se chama "Oficina". Porque o ato de recordar é um trabalho onde as pessoas, na realidade, estão trabalhando não para recordar como foi o passado, sim para conectar esse passado com o presente que eles estavam vivendo. Por isso quis fazer história oral com os eslovacos, com os búlgaros, com os santiagueños, cada grupo nacional armado para recolher os testemunhos. E depois tentei fazer uma análise da linguagem, que me parecia que era pertinente. E, além disso, também não me saía da cabeça a idéia de que essa narração era uma verdade. Eu imaginava que era um dos tantos fragmentos de recordação de coisas mais grandes que eu tinha que organizar. E, ao mesmo tempo, era preciso analisar a linguagem. Foi bastante trabalhoso.

E.A.: Você recomendaria esse tipo de trabalho?

M.L.: Eu creio que fazer o que eu disse, não se recomendaria a ninguém, porque eu analisei informações de fábrica, usei história oral, diários, novelas. Talvez seja uma característica pessoal minha. Minha pesquisa de doutorado era extensa. Por exemplo: meu orientador não estava de acordo com o que eu decidi fazer, mas eu achava que era isso que tinha que fazer. Mas o que quero dizer é que eu era uma estudante não tão jovem, então, eu já tinha minha personalidade e poderia impô-la.

F.B.: Você teve uma militância política também?

M.L.: Sim, mas minha militância foi, digamos, mais secundária. E, nos anos 70, era mais militante em esforço. Eu estive em grupos de militantes estudantes e também havia o fato de ir para a faculdade no tempo da repressão, mas não foi uma militância tão importante.

E.A.: O que você tem estudado atualmente, qual o seu projeto atual? E quanto ao uso de fotografias?

M.L.: Bom quando eu iniciei *La vida en las Fábricas* usei fotografias para estimular a recordação. Então quando eu tinha um grupo que gostava de falar, eu dizia: "– Bom, o que vocês tem em casa sobre a fábrica porque não trazem...". E eles traziam fotos. Eu comecei trabalhando com as fotografias. E o fato é que Berisso tem muitíssimas fotos. Depois com Daniel James, que é um historiador dos Estados Unidos e que estuda a Argentina, nós tínhamos um projeto de colaboração porque ele também trabalhou sobre Berisso, sobre a história de vida de uma dirigente sindical, Doña María, que eu mencionei também[9]. Então nós decidimos fazer. Juntamos tudo. Eu, *La vida en las Fábricas*, e o livro sobre Doña María: o que podemos, que coisas podemos armar sobre a história da comunidade, a dita comunidade operária? Então, os grupos ucranianos nos deram algumas fotos de família. Então começamos a trabalhar com essas fotos de ucranianos de Berisso, com álbuns de família e não com fotos soltas. Depois, paralelamente, porque eu estou no Instituto Interdisciplinar dos Estudos de Gênero, nós **formamos** um Centro de Documentação. Nós pensamos que recuperar as vozes das mulheres poderia ser interessante, as palavras e também as imagens. Nós começamos a trabalhar nesse processo de recuperação das palavras e imagens e, entre as imagens, somente as fotografias.
Então esses são grupos de 12 pessoas que estão trabalhando na recuperação e configuração desses materiais de pesquisa. É um projeto que estamos trabalhando há 4 anos, mas sem recursos. Trabalhamos fotos e os artigos do jornal *La Nación*, discutindo o fato de que a catalogação do jornal é uma catalogação androcêntrica já que não permite encontrar as informações sobre as mulheres. Entretanto, encontramos fotos sobre as chamadas "Rainhas do Trabalho" e daí começamos a trabalhar isso, encontramos as Rainhas da Produção de Trigo, do vinho, do petróleo[10]. Há também um grupo que está trabalhando sobre os prêmios dados por uma Sociedade Beneficente às mulheres humildes em quem reconheciam amor filial, que eram trabalhadoras esforçadas. É nisso que estou trabalhando agora. E, enfim, também faço alguns trabalhos sobre imprensa sindical no Rio da Prata, tanto argentina quanto uruguaia.

NOTAS

[4] Título original: "Asesinato en el Senado de la Nación" (1984), dirigido por Juan José Jusid.
[5] Lopes, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe. Na cidade das chaminés*. Brasília/São Paulo: Ed. Marco Zero/Editora UnB/CNPq, 1988.
[6] Federico Guillermo Neiburg é professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro). É autor, entre outros, de *Fabrica y Villa Obrera*; *Historia Social y Antropologia de los Obreros del Cemento* (BUENOS AIRES: CENTRO EDITOR DE AMERICA LATINA, 1988).
[7] Mirta Lobato refere-se a Luis González y González (1925-2003), autor, entre outros, de *Pueblo en vilo. Microhistoria de San José de Gracia* (México: FCE, 1984) e *El oficio de historiar* (México: El Colegio Nacional/Clio, 1995).
[8] Invernadores são os empresários que compran gado, o engordam e vendem depois disso aos frigoríficos.
[9] James, D. *Doña María's Story. Life, history, memory, and political identity*. Duke University Press, 2001.
[10] Ver Lobato, M. Z. (ed.) *Cuando las mujeres reinaban. Belleza, virtud y poder en la Argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Biblos, 2005.